



TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL EM TEMPO DE PANDEMIA

Adrieli Karini Machado Cordova ¹
Cláudia Alves Marques de Sousa ²

RESUMO: Este artigo trata do “Transtorno do espectro autista: o atendimento educacional em tempo de pandemia” tendo como objetivo analisar as intervenções realizadas nas aulas remotas durante a pandemia da covid-19 para estudantes com este comprometimento. Para tanto, foi realizado um estudo de caso de um estudante do 1º ano do ensino fundamental da rede privada, coletando dados para identificar e analisar as intervenções realizadas com ele nas aulas remotas durante o isolamento social no decorrer do ano de 2020. Buscou-se mapear as estratégias utilizadas pela escola e pela família para atendê-las, a fim de minimizar os impactos ocasionados pela mudança de aulas presenciais para aulas virtuais, gerando assim diversas alterações nos atendimentos educacionais. A problemática que permeia nosso trabalho foi: Quais as intervenções realizadas nas aulas remotas durante a pandemia da covid-19 para estudantes com TEA? Ocorreram obrigatoriamente mudanças nos atendimentos educacionais, tais como: uso das tecnologias digitais, ausência de salas de aulas físicas, falta de interação social na forma presencial com seus professores e colegas, além de pouco tempo para adaptações. Neste artigo serão demonstradas as dificuldades e situações de desmotivação enfrentadas pelo estudante, e conseqüentemente as estratégias que foram inseridas pela escola para eliminar essas barreiras.

Palavras-chave: Autismo. Atendimento educacional. Ensino Remoto. Pandemia.

ABSTRACT: This article deals with “Autism Spectrum Disorder: educational assistance in a time of a pandemic” with the objective of analyzing the interventions carried out in remote classes during the covid-19 pandemic for students with this commitment. To this end, a case study of a 1st year elementary school student in the private network was carried out, collecting data to identify and analyze the interventions carried out with him in remote classes during social isolation during the year 2020. strategies used by the school and the family to meet them were mapped, in order to minimize the impacts caused by the change from face-to-face classes to virtual classes, thus generating several changes in educational services. The problem that permeates our work was: What interventions were carried out in remote classes during the covid-19 pandemic for students with ASD? There were mandatory changes in educational services, such as: use of digital technologies, absence of physical classrooms, lack of social interaction in person with their teachers and colleagues, in addition to little time for adaptations. In this

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia - Centro Universitário Municipal de São José/SC – USJ. E- mail: claudia.sousa@estudante.usj.edu.br.

² Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Municipal de São José/SC. E-mail: adrieli.cordova@estudante.usj.edu.br.

article, the difficulties and situations of demotivation faced by the student will be demonstrated, and consequently the strategies that were inserted by the school to eliminate these barriers.

Keywords: Autism. Educational service. Remote Teaching. Pandemic.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como base questões que envolvem a educação de pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e para isso, analisaremos quais estratégias educacionais foram utilizadas durante a pandemia da Covid-19 para dar suporte pedagógico às crianças. Destacamos pontos positivos e negativos relacionados à aprendizagem dos estudantes com TEA, mapeando as consequências que o distanciamento social possa ter causado neste público alvo.

O interesse pelo assunto partiu de nós, acadêmicas do curso de Pedagogia, e por estarmos trabalhando com atendimentos educacionais na Educação Especial na pandemia. Anteriormente à pandemia, os atendimentos dos estudantes eram feitos em salas de aulas de forma presencial, e a partir da pandemia com o isolamento social, os atendimentos educacionais passaram a ser de forma virtual para todos os estudantes. Será analisado como o distanciamento social poderá influenciar no aprendizado das crianças com TEA, sabendo da falta da interação social na vida escolar dessas crianças durante o isolamento social. Com esse novo cenário tornou-se necessário mapear o público escolar, precisou criar estratégias de ensino/aprendizagens, tendo como meio de comunicação as **tecnologias digitais**, porém, havia uma parcela de estudantes que não conseguia ter acesso a elas, pelos mais diversos motivos, principalmente os mais vulneráveis. Portanto, foi necessário se adequar à realidade dos estudantes e criar meios de comunicação não presenciais, para que não se perdesse o contato escolar dos estudantes.

A temática deste artigo é Transtorno do Espectro Autista: o atendimento educacional em tempo de pandemia. Nesse sentido, nossa preocupação é de observar se o isolamento social afetaria no aprendizado das crianças com TEA. Para nossos estudos, utilizamos a Coleta de dados, por meio de um Estudo de Caso, com um estudante do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada, com diagnóstico de Síndrome de

Revista Gepesvida

Asperger. Serão feitos comparativos com as literaturas disponíveis, buscando autores e documentos para nos orientar sobre esse assunto, de modo a entender se a falta de interação social afetaria de forma negativa o aprendizado desse estudante. Outro ponto a destacar é a importância do papel do professor, criando estratégias e intervenções adaptadas para o auxílio à formação dos sujeitos com TEA durante o ensino remoto.

O objetivo geral é analisar as intervenções realizadas nas aulas remotas durante a pandemia da covid-19 para estudantes com Transtorno do Espectro Autista. E, os objetivos específicos são: identificar as intervenções realizadas nas aulas remotas durante a pandemia da covid-19 para estudantes com Transtorno do Espectro Autista e verificar quais estratégias a mapear e ajustar para atender esse público com diagnóstico de TEA, mais especificamente o estudante observado.

A problemática é: Quais as intervenções realizadas nas aulas remotas durante a pandemia da covid-19 para estudantes com TEA?

O embasamento teórico foi feito por autores como Carvalho(2016), Trica e Vianna (2014), Rogers(2001), Flores(2019), Mello e Teixeira(2012), Guimarães (2017), Peres (2017), e os relatos da mãe do estudante com TEA. Leis e documentos existentes para a Educação Especial, tais como: Lei das Diretrizes e Bases - Lei nº 9.394/96, Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), Lei nº 12.764/12 - Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017), Programa Pedagógico - São José/SC: FCEE (2009).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho busca pesquisar a problemática trazida pela pandemia da covid-19 para os atendimentos educacionais, percebeu-se diferentes situações às quais nos levou a um olhar diferenciado e posteriormente ao interesse em refletir sobre os impactos causados na Educação, mais especificamente para estudantes com TEA.

2.1 UM POUCO DA TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

É cada vez mais comum o nascimento de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), e isso vem exigindo das escolas, dos docentes e das políticas públicas um posicionamento mais efetivo que envolve a aprendizagem e a qualidade de vida das pessoas com esse comprometimento.

Inicialmente faremos um relato sobre a evolução da Educação Especial no Brasil, na qual o movimento de inclusão social teve início no final da década dos anos 80 e ainda mais marcante na década de 90. Nesta época um dos objetivos da educação era unificar o ensino especial com o regular. Em 1994 com a Conferência mundial sobre Necessidades Educativas Especiais em Salamanca (1994), uma resolução das Nações unidas, intensificou ainda mais o olhar para a questão da inclusão social, na qual o estudante com necessidades especiais faria parte do ensino regular, socializando e se desenvolvendo com as demais crianças em sala de aula comum. Sendo assim, o Brasil firmou compromisso de reformular seu sistema de ensino, incluindo essas crianças na escola comum, garantindo a elas direitos à uma educação inclusiva. Com a LDB, Lei nº 9.394/96, no ART. 58º descreve que: Entende-se por educação especial, para os efeitos da Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educando portadores de necessidades especiais. E no ART. 60º, descreve que: O poder público adotará como alternativa preferencial, a ampliação dos atendimentos aos estudantes com TEA na própria rede pública regular de ensino, independente do apoio às instituições previstas neste artigo, e no inciso 2º que: O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos estudantes, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

Com a Lei nº12.764/12, específica para as pessoas com autismo, institui a Política de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, estabelecendo as diretrizes para sua consecução. No ART. 3º, Parágrafo único, especifica que: a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular terá direito a acompanhante especializado. E no ART. 4º que não será privada de sua liberdade ou do convívio familiar nem sofrerá discriminação por motivo de deficiência. Sabe-se que a pessoa com este diagnóstico possui algumas características

Revista Gepesvida

comportamentais, e que esse transtorno é persistente, não existe cura, é clinicamente significativo para a dificuldade de comunicação e de interação social.

Com todos esses direitos conquistados, as pessoas com necessidades especiais têm assegurado o direito a frequentar a escola de ensino regular. Sendo assim, possuem rotinas escolares, afazeres e desafios a superar, para que a aprendizagem aconteça com igualdade e condições de equidade para todas as crianças, independente de ter alguma deficiência ou não.

Carvalho (2016) apresenta a questão do coensino como muito importante para o desenvolvimento da criança com TEA, na qual professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), Professor Especializado e professor de turma, compartilham seus planejamentos, e por meio desta colaboração e união de esforços ofereçam um aprendizado de qualidade. Segundo Brinkmann e Twiford,

O coensino rapidamente evoluiu como uma estratégia para assegurar que estes estudantes [com deficiências] tenham acesso ao mesmo currículo que outros estudantes e ao mesmo tempo recebam o ensino especializado ao qual têm direito. O coensino pode ser definido como a parceria entre um professor da educação regular e um professor da educação especial ou outro especialista tendo em vista ensinarem conjuntamente a um grupo diverso de alunos, incluindo aqueles com deficiências ou outra necessidade especial, em um ambiente comum de educação de modo que, com flexibilidade e deliberadamente, atenda às suas necessidades de aprendizagem... (BRINKMANN E TWIFORD 2012, *apud* SANTOS e CARVALHO, 2013, p.34)

Portanto se faz necessário que a inclusão da pessoa com deficiência aconteça de fato, fazendo com que as aprendizagens sejam significativas, atendendo suas necessidades e respeitando suas limitações. Para tanto, se faz necessário um trabalho pedagógico de qualidade que respeite e atenda todos os direitos conquistados para uma educação inclusiva.

2.2 TEA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO REMOTO

A ideia inicial foi analisar como estão acontecendo as intervenções, objetivando a não perda de vínculo dos estudantes com o ambiente escolar e para que suas aprendizagens não fossem interrompidos. Portanto, buscou-se identificar como

Revista Gepesvida

ocorreu o apoio para com as famílias neste processo, e como está acontecendo o suporte aos professores por parte das instituições educacionais, além de, quais estratégias estão sendo trabalhadas, tais como: a utilização das tecnologias digitais por meio do ensino remoto, formato este, que se tornou primordial para este momento na educação, sendo necessário levar em consideração todo o contexto dos estudantes e professores que estão diante dessa inesperada situação.

Trinca e Vianna (2014, p. 163) afirmam que é responsabilidade da escola facilitar a aprendizagem e a inclusão, utilizando atividades lúdicas que criem um ambiente alegre, afetivo e familiar no qual as relações humanas e a individualidade de cada um sejam respeitadas.”

Para tanto, o ensino remoto possibilitou que as aprendizagens continuassem, sendo respeitadas as inclusões das crianças especiais. A escola precisa estar de fato preparada com os recursos necessários, planejamentos adaptados e adequados visando um melhor atendimento educacional. A observação, a escuta e as adaptações nas vivências e intervenções são essenciais para o desenvolvimento da criança.. Destaca-se a importância da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), além de outros documentos que orientam a comunidade escolar para melhor atender e garantir a permanência dos estudantes com TEA nas escolas do ensino regular.

De acordo com PERES, (2017, p. 1) “a comunicação pode ser estabelecida além das palavras. Existem outros meios como as expressões corporais e faciais, os movimentos, sons, vídeos e as fotografias que também podem contribuir na comunicação entre indivíduos”.

Cabe destacar algumas dificuldades e benefícios que a pandemia trouxe, tais como: maneiras diferentes de trabalho dos professores e de toda a equipe escolar, adaptações, inovações, estratégias diferenciadas, dificuldades de comunicação, situações que precisaram ser repensadas e reestruturadas devido a falta do ensino presencial, com seus mais diversos problemas ocasionados. Para dar continuidade nas aprendizagens, para aqueles que não estão conectados na internet, que são os mais vulneráveis, optou-se pela entrega de materiais impressos. Ainda mais marcante com a questão da pandemia, a inclusão da criança especial na escola precisa estar de fato

Revista Gepesvida

preparada com os recursos necessários e planejamentos adequados.

Com todo este advento da pandemia, este artigo trará um estudo de caso sobre essa situação de mudança abrupta para os educandos com TEA, com alguns questionamentos: como os estudantes com TEA estão desenvolvendo seus estudos? Quais estratégias estão sendo usadas? Como estão seus comportamentos em casa convivendo somente com seus familiares? Como está a ausência de rotina escolar de forma presencial? Quais os pontos negativos e positivos que a pandemia trouxe para essas crianças? O que muda para um educando que frequentava a escola de forma presencial e agora estuda dentro de sua casa? O que os professores, a equipe escolar e a família podem fazer para minimizar esses impactos? E, o desafio do isolamento, atinge a saúde mental desses estudantes?

Muito comum nas conversas de professores, a chamada zona de conforto foi repensada, com a pandemia houveram mudanças nas atitudes do corpo docente, uma reviravolta no âmbito escolar, Professores precisaram reinventar-se, adaptando e inovando as práticas pedagógicas, precisaram sair da zona de conforto para conseguir se enquadrar a um novo formato de ensino.. Sabe-se que não foi fácil, pois foi algo inesperado, os professores precisaram fazer adaptações, ainda mais desafiador com o público TEA, devido às questões comportamentais e de interações.

Foram criadas e/ou modificadas estratégias educacionais para que o estudante especial pudesse dar continuidade nos seus estudos, sujeitos esses com algumas limitações, mas também que se destacam com algumas habilidades que os demais estudantes não possuem. Mas, a pandemia veio afetar justamente a questão do convívio social, que para pessoas com autismo costuma ser deficitária. Conforme a Lei Berenice Piana, Lei nº 12.764/12, que reconhece a pessoa com TEA como pessoa com deficiência, e diz no Artigo 1º: “ deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento”.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de estudantes com

Revista Gepesvida

deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino. Guimarães, (2017) vem apresentar a participação dos professores no processo de integração das crianças autistas com outras crianças da sala de ensino comum, ela nos relata a importância de se promover a interação entre os sujeitos que frequentam a mesma sala de aula. Contudo alguns autores estudados apontam dificuldades existentes nas práticas pedagógicas dos professores no ensino comum regular e, em especial no ensino remoto.

Sobre a formação dos professores do ensino superior, Carvalho (2017, p.121) diz:

As universidades possuem um compromisso ético e político na formação de seus professores e precisam estar atentas às demandas de inclusão que crescem consideravelmente, não apenas pelas exigências legais que já existem há muito tempo, mas também pela responsabilidade nesse atendimento a cada caso, de modo singular e diferenciado. Os professores se inserem nesse compromisso e precisam reivindicar por esse suporte da instituição da qual fazem parte.

Professores tiveram que repensar a sua docência, adaptando o ensino/aprendizagem, de modo que todo conteúdo passado no ensino remoto gerasse uma aprendizagem significativa, pois somente desta forma o conteúdo torna-se efetivo para as crianças. Rogers conceitua como aprendizagem significativa:

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimento mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência. (ROGERS, 2001, p. 01).

Apesar de professores ainda encontrarem barreiras e desafios no processo da inclusão do indivíduo com TEA no ensino regular, essas não podem ser motivos para excluir um estudante das aprendizagens e do convívio social com os demais no ensino regular. E é por meio de aprendizagens significativas que os estudantes modificam comportamentos e agregam conhecimentos para a sua formação humana..

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem desta pesquisa é qualitativa e tem como propósito uma pesquisa explicativa, pois será feita uma análise da realidade observada. Tendo como objetivo a coleta de informações sobre as intervenções que estão sendo feitas para a continuidade da aprendizagem de um estudante com TEA no período da pandemia da covid-19 . A partir da Lei nº 9.394/96, que assegura o direito das crianças com necessidades especiais às salas de aulas comuns. Com essa difícil realidade para a educação à nível mundial, escolas, professores, estudantes e famílias tiveram que se readaptar, inovar, criando alternativas novas de estudar, utilizando as tecnologias digitais, que para muitos não era um formato presente nas rotinas escolares, e sim para alguns apenas para fins de entretenimento.

A metodologia utilizada neste artigo é referente aos estudos realizados para a compreensão da temática em discussão e relacionados a compreensão das estratégias utilizadas pelos professores durante a pandemia pois, conforme o decreto N° 509, de 17 de março de 2020 que orientou a população em geral para que fosse feito o isolamento social causado pelo Covid-19, com isto as aulas presenciais foram suspensas, e os estudantes passaram a estudar em casa com o auxílio das tecnologias digitais, para que o vínculo entre escola/estudante não fosse interrompido para que os estudantes não tivessem tanto prejuízo em suas formações. O foco principal foi em saber como estão acontecendo as aulas remotas com os estudantes que possuem alguma deficiência, em especial as crianças com TEA.

Flores (2019, p. 114) apresenta: Nessa perspectiva, a criança com diagnóstico de TEA, inserida nesse sistema social, tem a oportunidade de se construir e reconstruir diante de suas aprendizagens e processos de subjetivação, mantendo-se viva por meio das conversações, do amor e das interações dinâmicas com as demais crianças.

Sabe-se que o Autismo e a Síndrome de Asperger são os mais comuns transtornos globais do desenvolvimento (TGD), que apresentam dificuldades ou déficits na interação social e/ou emocional, na aprendizagem, no comportamento e na comunicação, inclusive alguns que possuem esse comprometimento são não-verbais. A pessoa com este transtorno costuma buscar o isolamento, evitando constantemente o contato social. Outras características associadas ao TEA são as estereotípias, a

Revista Gepesvida

irritabilidade e atitudes agressivas. Primeiramente a criança precisará de um diagnóstico de TEA, o quanto antes melhor, evitando o diagnóstico tardio que este acarreta em atrasos no desenvolvimento da criança, e para que a família possa buscar os atendimentos dos profissionais de diversas áreas e dar início ao tratamento. É sugerido às pessoas com transtornos globais de desenvolvimento que tenham um atendimento precoce, pois este é essencial para que se obtenha melhores resultados. Esses atendimentos buscam desenvolver as habilidades sociais, emocionais e de comunicação, além de trabalhar outras questões para a melhoria da qualidade de vida dessas crianças.

Autismo e síndrome de Asperger são entidades diagnósticas em uma família de transtornos de neurodesenvolvimento nos quais ocorre uma ruptura nos processos fundamentais de socialização, comunicação e aprendizado. Esses transtornos são coletivamente conhecidos como transtornos invasivos de desenvolvimento. Esse grupo de condições está entre os transtornos de desenvolvimento mais comuns, afetando aproximadamente 1 em cada 200 indivíduos. Eles estão também entre os com mais carga genética entre os transtornos de desenvolvimento, com riscos de recorrência entre familiares da ordem de 2 a 15% se for adotada uma definição mais ampla de critério diagnóstico. Seu início precoce, perfil sintomático e cronicidade envolvem mecanismos biológicos fundamentais relacionados à adaptação social. (KLIN, 2006, p.1)

Será feita uma pesquisa por meio de um estudo de caso, de observância e de questionário a ser respondido pela mãe do estudante em questão, A partir das respostas será analisado como estão acontecendo os atendimentos educacionais do estudante com TEA de uma escola particular, que possui diagnóstico de Síndrome de Asperger. A criança atualmente tem 7 anos de idade , e frequenta o 1º ano de Ensino Fundamental em uma escola privada. Com a coleta de dados serão analisadas as respostas correlacionando com as literaturas que temos disponíveis, fazendo este elo de teoria e prática nas intervenções para os atendimentos de estudantes com TEA

Para que seja analisado o andamento das intervenções e da questão das dificuldades de avaliar esse estudante, se as dificuldades e as barreiras estão sendo sanados constantemente, pois é um período novo, vivenciando mudanças muito abruptas na questão social, tecnológicas, e psicológicas das crianças, mais especificamente de estudantes com TEA. Segundo André e Ludke (1986 p.86),

A observação é o principal instrumento da investigação, pois o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiência pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado. A

Revista Gepesvida

introspecção e a reflexão pessoal têm papel importante na pesquisa naturalística. (ANDRÉ e LUDKE 1986 p.86)

Desta forma, este artigo busca entender como se deu o atendimento educacional para a criança com TEA em tempo de isolamento social, , analisando os desafios e as possibilidades trabalhadas pelos professores, coordenadores, psicóloga escolar, família e a criança..

4. ANÁLISES E RESULTADOS

Para análise usamos o discurso da mãe da criança que participou da pesquisa. Algumas frases de seu depoimento são muito significativas e compuseram as nossas reflexões. A primeira foi sobre as aulas *online* neste período de pandemia, como segue:

“[...] as aulas onlines com a turma toda junta, causam grande estímulo sensorial no Lucas, causando desconcentração e desconforto.” - Mãe.

Para que as aulas onlines tenham sentido para a criança com autismo, é fundamental que a família ou mesmo a professora explique o porquê dessa transição para o aprendizado a distância. A conversa com a criança sobre a necessidade desse novo formato ajuda a compreender que se trata de uma situação temporária, estando atenta aos sentimentos que ela possa manifestar. Sugere-se conscientizar a criança, e criar estratégias de adaptações. Para que se possa dar continuidade às aulas os meios de comunicação digitais se tornaram essenciais, principalmente para questão da interação com professores e colegas de turma, assim é preciso ter acesso à internet e saber utilizar determinadas interfaces escolhidas pela escola.

“[...] algumas vezes a internet deu algum problema.” – Mãe

Sabendo das diversas dificuldades que podem surgir num ensino remoto não planejado, temos a internet que passou a ser muito utilizada como meios de comunicação, inclusive para a educação, dando condições para a continuidade nos ensinamentos/aprendizagens. Em um tempo de isolamento social, as aulas síncronas e assíncronas tornaram-se fundamentais, sendo utilizadas por grande parte dos estudantes nas escolas particulares. Mas, imprevistos acontecem, e foi o que aconteceu em determinados momentos, como o de a internet não estar acessível para os estudantes ou

Revista Gepesvida

até mesmo para o professor, fazendo com que as aulas não aconteçam nos horários combinados.

Sendo assim, uma das soluções é prorrogar a aula, ou até mesmo se a internet estiver instável, pode-se lançar atividades assíncronas, que são aquelas feitas de forma remota, para que o estudante não fique ocioso e dê continuidade nas aprendizagens dentro do período combinado. No entanto é necessário que haja uma comunicação para essas situações, por isso é preciso diferentes meios de comunicação para conseguir se comunicar na falta de internet, por exemplo.

“A comunicação *online* penetra a sociedade como uma rede capilar e ao mesmo tempo como infraestrutura básica. Nesse contexto, a educação *online* ganha adesão, porque tem aí a perspectiva da flexibilidade e da temporalidade próprias das interfaces da internet.”(SILVA, 2009, p.26).

Com a possibilidade da comunicação online, e com oportunidades da utilização das mais diferentes interfaces, ampliou-se as possibilidades de comunicação, trazendo muitos benefícios e flexibilizações, tais como escolha dos horários para os encontros educacionais; podendo ser em grupo ou individual, somente com o professor. Com a internet há diversos meios para se comunicar, tais como: *whatsApp*, salas de *meet*, *classroom*, plataformas digitais, entre outros. Sobre os atendimentos com o estudante, foram por meio do uso do Google *meet*, com aulas virtuais, observar que os atendimentos foram mais individualizados, para maior motivação do estudante, para tanto teve momentos que necessitou de um estímulo maior, pois o estudante não tinha interesse em determinados assuntos e para isso precisou ser pensada uma estratégia que pudesse prender sua atenção, foi aí que a mãe orientou que seria interessante ter conversas sobre os assuntos preferidos da criança..

“[...] e a professora sempre propunha falar ao fim da atividade de assuntos do seu interesse (*hiperfoco*) para que ele se sentisse motivado.” – Mãe

Destaca-se que,apesar de terem sido tratados assuntos paralelos e atrativos com o estudante, os chamados de hiper focos, os conteúdos curriculares não deixaram de ser trabalhados, garantindo sua participação e acesso às aprendizagens curriculares para o 2º ano. Inclusive maior atenção e interesse do estudante por saber que no final das aulas seriam tratados os demais assuntos de seu gosto, sendo essa uma das estratégias criadas e pensadas pela mãe e professoras, para dar continuidade nos estudos e a eliminar as

Revista Gepesvida

barreiras geradas por mudanças radicais nas metodologias de ensino e nos meios de comunicação, trazidas pelo isolamento social. Assim, como o documento da Política Nacional para a Educação Inclusiva, no qual o atendimento educacional especializado tem como finalidade dar acesso para que os estudantes eliminem barreiras para a plena participação dos mesmos, e que cada estudante tem suas necessidades próprias. As atividades devem servir como um complemento e não substitutivas da escolarização. Após as atividades comuns serem ministradas, houve um enriquecimento na aprendizagem, abordando assuntos de grande interesse do estudante, chamado de hiperfoco pela mãe, complementando seus estudos, essa foi uma maneira encontrada para motivá-lo nas atividades curriculares, pois o estudante vinha apresentando desmotivação e falta de interesse em participar das aulas remotas, o que pode ter sido ocasionado por exemplo pela falta de interação social.

“[...] houve desmotivação pela falta da interação social e falta de atividades que o desafiassem.” – Mãe

Assim como as teorias de Vygotsky quanto às aprendizagens na interação social, sabemos o quão é indispensável as vivências e o contato entre as pessoas, para a aprendizagem e para a formação do ser humano. Com a pandemia, a interação física e presencial nos foi tirado, passamos a ter quase que por total uma interação virtual, trouxe desgaste emocional para todos, e este artigo traz situações de enfrentamento da educação, tentando encontrar a melhor saída para minimizar os impactos negativos para a educação, ainda mais no que diz respeito à interação. Com a ajuda das tecnologias, sendo por WhatsApp ou ligações telefônicas, salas de aulas virtuais, os professores e profissionais envolvidos na educação não mediram esforços para que se chegassem nos melhores resultados de aprendizagens, criando estratégias nos atendimentos para melhorar, tornando mais atrativo e mais leve suas atividades de estudos, pois a mudança foi brusca, hoje não se tem mais o professor em salas de aulas de forma física. Hoje a interação que temos é virtual, com a utilização das tecnologias digitais.

À medida em que as tecnologias superam as limitações de representação de informações e, no decorrer dos anos, passam a oferecer não somente o texto como único suporte, mas uma infinidade de outros formatos, inclusive o verbal, é possível apontar para uma potencialização dos processos de interação. (MELLO; TEIXEIRA, 2012,p.1)

Com o novo formato para o ensino/aprendizagem, utilizando como meios de

Revista Gepesvida

comunicação a internet e suas interfaces, o estudante teve dificuldades no processo de interação, houve estímulos externos que o atrapalharam. Além de, as salas de aulas virtuais por meio do meet, foram recebidas com muito dificuldade por parte do estudante, prejudicando a sua concentração e conseqüentemente o interesse de sua participação nos encontros virtuais em grupo, várias tentativas de driblar esses problemas foram criadas e citadas nesse artigo, buscando estratégias para motivá-lo e a evitar estímulos que pudessem o atrapalhar em suas aulas.

“[...] os estímulos externos também atrapalharam as aulas.” – Mãe

Para a criança do estudo, os estímulos externos se tornam ainda mais presentes, trazendo desconcentração nas aulas, assim como destacado pela mãe, como barulhos de veículos transitando e até mesmo os cantos dos pássaros, sabe-se que uma das características do autismo é a hipersensibilidade sensorial. “[...] Apesar de ter um local apropriado, os estímulos externos atrapalhavam as aulas. Ex: barulho de carro, canto dos pássaros, conversas paralelas. De acordo com Instituto Inclusão Brasil, para estratégias de ensinar estudantes com autismo, diz que: “A **hipersensibilidade sensorial**, pode levar, com frequência, a distúrbios de comportamentos. A distrabilidade e falta de noção e organização da temporalidade podem também causar comportamentos que interferem na aprendizagem.” E nos traz algumas alternativas como, organizar a sala-de-aula (no caso o local de estudo em casa) , o local para a aprendizagem, para que diminua suas dificuldades, aspectos de organização física , programação das atividades e métodos de ensino, explicando-o quais as etapas a serem seguidas, tendo um olhar para as necessidades individuais e a forma de aprendizado que trará melhores resultados para o estudante.

“[...] precisávamos de um olhar diferenciado para o Lucas, pois ele está sem motivação e concentração para participar das aulas remotas.” – Mãe

Apesar de sabermos que o ideal seria que o estudante participasse mesmo que em menores quantidades de horas juntamente com os demais estudantes à sala virtual comum da turma, para evitar que ele ficasse em atendimentos paralelos, não inclusivos e individuais. Foi preciso de um olhar diferenciado, pois o estudante não conseguia se concentrar e nem permanecer na sala de aula virtual com os demais estudantes, uma vez que o barulho e as falas das outras crianças causava um estresse no estudante que não

Revista Gepesvida

conseguia permanecer no ambiente virtual. Para tanto, o estudante em questão precisou de um atendimento individualizado.

“[...] Atendimento individual.” – Mãe

Pelas as respostas da mãe, é clara a importância do atendimento individualizado para a continuidade dos estudos do estudante, ainda mais em um momento como esse no qual precisamos pensar e realizar estratégias para motivar os estudantes, sabendo que este foi um ano atípico, que gerou um aprendizado para todos nas adaptações das aulas online, tanto para estudantes, professores e profissionais que atuam na área para a melhoria da qualidade do ensino. No entanto, são os professores que devem acompanhar e contribuir para todo o processo de aprendizagem, não fazendo separações de objetivos entre os educandos.

Conforme a Política de Educação Especial de Santa Catarina, (2009,p 20),por meio da Resolução nº 112, de 12 de dezembro de 2006, do Conselho Estadual de Educação de SC, a Fundação Catarinense da Educação Especial (FCEE) implantou-se o Programa Pedagógico (2009), para qualificar o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes da Educação Especial, matriculados no ensino regular ou nos Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAESP). As ações do Programa Pedagógico, vem complementar o currículo, viabilizando o acesso à BNCC, segundo a LDBEN.

Segundo Professor de Turma: Nas séries iniciais do ensino fundamental, o segundo professor, preferencialmente habilidade em educação especial, tem por função corrigir a classe com o professor titular, contribuir, em função de seu conhecimento específico, com a proposição de procedimentos diferenciados para qualificar a prática pedagógica. Deve, junto com o professor titular, acompanhar o processo de aprendizagem de todos os educandos, não definindo objetivos funcionais para uns e acadêmicos para outros. (Programa Pedagógico, 2009, p.16)

Foram criadas estratégias para a melhora da concentração da criança, assim como a continuidade nos atendimentos por um segundo professor, mediando e auxiliando. Por meio do atendimento individualizado, contribuiu-se com estratégias de mediação e de especificidades. O tempo dos atendimentos foram reduzidos devido a rapidez e a facilidade em aprender e executar tarefas de assuntos curriculares, e assim, disponibilizar tempo para trabalhar os assuntos de seu interesse.

“[...] Tempo de atendimento reduzido” – Mãe

Revista Gepesvida

É sabido que devido às características de algumas limitações e dificuldades de concentração, a criança com autismo precisa de um cuidado maior e por isso muitas vezes se faz necessário adaptações no atendimento dessas crianças. Com o estudante não foi diferente, foi preciso repensar além do atendimento individual, a questão do horário. E por isso foi feita uma reunião com a mãe, a coordenadora e a professora e a partir das necessidades encontradas decidiu-se que ao invés de 4 horas de aulas como os demais estudantes faziam diariamente, no caso dele apenas 1 hora diária era suficiente. Pelo fato dele não conseguir ficar mais que esse tempo, pois causava estresse e desmotivação, e por causa da rapidez que ele realizava as atividades. Guimarães (2017), traz que é preciso junto com profissionais da escolas buscar soluções em caso de dificuldades encontradas na individualidade dos sujeitos com autismo.

Na escola, muitas vezes, o professor necessita do apoio psicopedagógico para tentar compreender e lidar com a situação desse estudante em sala e buscar meios pelos quais sejam desenvolvidas as áreas de comprometimento da síndrome, explorando ao máximo a capacidade de desenvolvimento de cada um, respeitando sua individualidade, seu tempo e seu limite. (GUIMARÃES, 2017, p. 29)

“[...] Momentos de conversa sobre seus hiper focos.” - Mãe

Além do tempo de atendimento reduzido, era necessário realizar conversas sobre assuntos de seu interesse que eram feitas após ele finalizar as atividades comuns (as mesmas que eram realizadas pelos demais estudantes da turma) que eram realizadas na apostila e no caderno. Foi uma alternativa encontrada para manter o interesse dele em participar das aulas, para tanto era falado de assuntos relacionados a geografia, astronomia e sistema solar, que são áreas de interesse dele. KLIN, (2016) apresenta como “habilidades especiais” que são áreas de preferência sobre assuntos que as crianças com autismo passam a se interessar e acabam desenvolvendo altamente o conhecimento por determinado assunto.

“[...] atividades foram modificadas, para serem realizadas de forma mais dinâmica, com o uso de materiais variados.”

Sabemos que as salas de aulas comuns ainda são muito tradicionais, a forma de ensino causa desmotivação nas crianças. No ensino remoto não foi diferente, acabou ocorrendo uma continuidade, e para manter o interesse do estudante com autismo foi preciso pensar em adaptações e muitas vezes para a atividade comum que era realizada

Revista Gepesvida

em apostilas e dar a opção de um vídeo, de um desenho e de realizar atividades extras como criação de maquetes sobre algo de seu interesse, porém o estudante que estava sendo diagnosticado com altas habilidades tinham um amplo conhecimento sobre todo o assunto do ano letivo em que frequentava, e por isso a mãe relata que houve falta de uma aprendizagem de um nível mais elevado, pois ele já possuía um conhecimento mais aprofundado sobre os assuntos que era passado aos demais estudantes com a mesma idade,

“[...] falta de outras atividades que pudessem ter um nível mais elevado de aprendizagem.” – Mãe

Apesar de ser notório que os conteúdos do ano que o estudante se encontrava já era totalmente já dominado por ele, não foi possível realizar atividades de um nível mais elevado com o estudante, uma vez que se fazia necessário realizar as atividades comuns que as demais crianças da turma também realizavam. Foi solicitada uma reunião pela mãe com a presença da psicóloga do estudante, porém a coordenadora informou que devido o estudante ainda não ter o diagnóstico de altas habilidades, ainda era necessário continuar com as atividades comuns, pois segundo ela ainda existem habilidades que precisam ser trabalhadas no estudante que acabará de iniciar o ensino fundamental. Portanto foram mantidos os conteúdos do ano em que o estudante se encontrava apesar de ser uma reclamação recorrente da criança que relatava já saber sobre o assunto.

Lembre-mos de uma criança superdotada de 5 anos de idade com pleno domínio da leitura e da escrita. Num trabalho pedagógico apoiado pela teoria vygotskiana ou por uma concepção teórica sócio-interacionista, certamente esta criança poderá ter a oportunidade de pular a classe de alfabetização. (PORTAL MEC, 2007 p.35)

“[...] Lucas está em fase de conclusão para o diagnóstico de altas habilidades e a partir daí, iremos dialogar com a escola no sentido de incorporar na aprendizagem do Lucas conteúdos mais avançados..” –Mãe

Segundo a coordenação, com o diagnóstico será possível a aceleração do estudante. Sabemos da importância de se pensar toda questão que envolve o adiantamento do estudante na escola, é preciso analisar várias questões que envolvem esta situação de modo com que ele não pule fases essenciais para seu desenvolvimento e que todos os aprendizados sejam garantidos. Em conjunto com profissionais adequados para avaliar toda a situação a prática de aceleração é garantida pela LDB (2005) em que no Artigo 59, inciso II – afirma que: “... e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;”

Revista Gepesvida

*“[...] compreendemos que foi um ano atípico para todos e que a suspeita de altas habilidades surgiu durante o ano letivo. Dificultando um plano de tratamento individual mais específico.”
– Mãe*

Para que pudesse dar continuidade ao ano letivo foram necessárias adaptações repentinas e por isso o apoio dos pais foi essencial para o momento. Para tanto várias questões que poderiam ser analisadas e solucionadas com mais rapidez, foram adiadas e algumas situações não tiveram a atenção necessária devido ao ano atípico causado pela pandemia do COVID 19.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise feita do estudo de caso do estudante autista, e em busca de respostas dos objetivos deste artigo, conclui-se que as aulas online exigiram dos estudantes do ensino básico um esforço muito grande para a adaptação deste novo formato. Tudo aconteceu de forma inesperada, trazendo muitas mudanças, dificuldades e readaptação para todos os estudantes, principalmente para estudantes especiais. Aconteceram adaptações, por parte dos professores, escolas e famílias, para chegar a um melhor resultado possível. Assim como o estudante da pesquisa, sabemos que o ensino online, mesmo que híbrido, possivelmente fará parte dos estudos em um tempo pós pandemia, e que essa nova modalidade necessita de um tempo ainda maior para que estudantes, escolas e famílias consigam se adaptar. Assim como houve uma adaptação que não aconteceu em dias mas sim em anos quando das aulas presenciais, o ensino híbrido também passará por processos de melhorias e ajustes para um futuro próximo. Para o estudante analisado, houve várias tentativas de inclusão nas aulas online com os demais estudantes da turma, mas sem sucesso. Percebeu-se há necessidade de mais tempo para esse estudante adaptar-se a este novo formato, talvez leve anos, mas acreditamos ser válido persistir nas tentativas de participações em aulas/encontros online, pois sabemos que, este é um meio de comunicação que veio para ficar e que já faz parte das comunicações, tanto em ambientes educacionais como em ambientes de trabalho, já sendo comum em diversas atividades humanas.

Além de que, por mais que tenham acontecido esforços por parte das escolas, professores familiares e estudantes, o ensino remoto não vem substituir de forma

Revista Gepesvida

qualitativa o ensino presencial, justamente pela falta de interação que esta modalidade de ensino ocasiona, afetando a saúde mental dos estudantes, este método na atual realidade não é suficiente para garantir uma aprendizagem de qualidade para os estudantes da educação básica, sendo um retrocesso para estudantes com TEA, principalmente por estes terem justamente a dificuldade para interação e muitas vezes busca pelo isolamento, fazendo com que a adaptação feita por anos em sua vida escolar, venha a regredir e a ficar prejudicada para pessoas com esse comprometimento. Mas acreditamos que o ensino híbrido é válido e veio para ficar, sendo muitas vezes um meio facilitador para a aprendizagens, mas não podendo ser exclusivo, uma vez que ainda faltam formações aos professores, possibilidade de acesso para todos estudantes do ensino comum, é preciso uma atenção especial para que esta modalidade passe a ser primordial no ensino.

Com o retorno às aulas presenciais, também deverá ter um acompanhamento quanto a readaptação, tanto de estudantes como de professores, principalmente quanto aos estudantes, com prováveis dificuldades para retornar à convivência no ambiente escolar, pois hábitos foram modificados, coisas que eram feitas na escola passaram a ser executadas dentro de suas casas, tendo ainda por alguns anos os reflexos que a pandemia trouxe para a educação. É preciso todo um cuidado e atenção nesse processo por parte de todos, pais, professores e direção escolar, fazer com que essa retomada seja gradual e que respeite as possíveis dificuldades causadas por este ano atípico.

Contudo percebemos que a tecnologia pode ser utilizada como uma metodologia que pode corroborar para o ensino dos estudantes com TEA, mas que o cenário atual não permite que seja a única alternativa de ensino. O ensino remoto foi essencial para auxiliar na finalização do ano letivo e foi de grande valia para que os estudantes mantivessem o vínculo com a escola. Mas que no caso do estudante analisado não foi a melhor alternativa, porém acreditamos que de alguma forma tenha colaborado no processo de ensino-aprendizagem do mesmo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marina S. R.. **Estratégias escolares para ensinar estudantes com**

Revista Gepesvida

autismo. Publicado pelo Instituto Inclusão Brasil. Disponível em: <https://institutoinclusaobrasil.com.br/estrategias-escolares-para-ensinar-estudante-s-com-autismo/> . Acesso em: 16 abr.2021.

ANDRÉ, M. E. D. A.; LUDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU,1986. Acesso em: 30 set. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação, (2007) **A Construção de Práticas Educacionais para Estudantes com Altas Habilidades / Superdotação.** Brasília, MEC/SEF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab2.pdf> Acesso em: 25 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação (2017) . **Base Nacional Comum Curricular.**, Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em:20 abr. 2021

BRASIL. Ministério da Educação (1996). . **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf> Acesso em: 20 nov. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação (2012) **Lei Federal nº 12.764/12 (Berenice Piana). Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 20 abr. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação (2008). **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva.** Brasília, MEC/SEF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducoespecial.pdf>. Acesso em 16 abr. 2021.

CARVALHO, Dulcimar Lopes. **A trajetória de inclusão de um estudante com autismo, desafios e possibilidades, 2017.** Acesso em 30 set. 2020.

CARVALHO, Paula Pereira de. **O coensino para inclusão de crianças com TEA no ensino regular: culturas, políticas e práticas permeando o espaço escolar,** 2016. Disponível em:<http://cmpdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/186/2018/08/Disserta%C3%A7%C3%A3o-PaulaPereiradeCarvalho.pdf> Acesso em 07 set. 2020.

FLORES, Marluce Ferreira. **Aprendizagem e relações intersubjetivas de criança diagnosticadas com autismo,** Santa Cruz do Sul, 2019. Acesso em 30 set. 2020.

GUIMARÃES, Arlete de Brito. **Interações sociais envolvendo crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em classes comuns: o olhar de seus professores,** 2017. Disponível em:https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/22236/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Arlete_para%20edi%C3%A7%C3%A3o%20abril_2017%20%281%29.pdf Acesso em 07 set 2020.

Revista Gepesvida

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral**, Revista Brasileira Psiquiatria, 2006, vol.28. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a02v28s1.pdf> Acesso em 30 out. 2020

MELLO, Elisângela de Fátima Fernandes; TEIXEIRA, Adriano Canabarro. **A interação social descrita por Vigotski e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa por meio das tecnologias de rede**. Passo Fundo: UFP, 2011. Disponível em: file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/1988-3165-1-PB.pdf. Acesso em: 14 abr. 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

PERES, Fábio Madeira. **Proposta de aplicativo para comunicação aumentativa alternativa a pessoas com Transtorno do Espectro Autista. 2017**. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000011530.pdf> Acesso em: 10 out. 2020.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 5. Ed São Paulo: Martins, 2001. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25702_12706.pdf. Acesso em: 28 de out. 2020.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação (2018). **Política de Educação Especial/Estado de Santa Catarina (NEESP)**. Florianópolis: Gráfica Coan, 2018.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação (2009). **Programa Pedagógico**. São José, FCEE/SC. Disponível em: file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/OS-90038%20-%20programa%20pedagogico.pdf. Acesso em: 20 mar. 2021.

SILVA, Marco. **Formação de professores para a docência on-line**. Braga: Universidade do Minho, 2009

TRINCA, Juciara Rodrigues; VIANNA, Patrícia Beatriz de Macedo. **O lúdico como estratégia de inclusão**. *Revista Pós-graduação: Desafios Contemporâneos, Cachoeirinha*, v. 1, n. 1, p.161-173, jun. 2014. Acesso em: novembro/2020